

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que reside no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1913, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense e publicou as seguintes obras: *Os Dias de 1898* (1913), *Os Dias de 1913* (1914) e *Os Dias de 1914* (1915).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese sobre o período de 1896 a 1900, sob o ponto de vista acadêmico, discutindo temas jurídicos. Após o fim da carreira pública, dedicou-se ao jornalismo quando foi eleito presidente do jornal *Os Dias*, em 1913. Foi também presidente do jornal *Os Dias* em 1914. Com a ajuda de Leonardo Melo, jornalista, e de Zé, advogado, organizou o quadro acadêmico, ocasião em que o nome da academia foi alterado para Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMATE

LEONARDO MELO
1913

Vence a Paz e o Direito,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Procelário
Resurgem novos heróis,
Trunfo a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Pátria é Glória condida.

O céu se veste de estrelas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

EPIFÂNIO LEITE

Epifânio Leite de Albuquerque nasceu em Fortaleza no dia 5 de junho de 1891 e faleceu na mesma cidade em 24 de abril de 1942, com 51 anos incompletos. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará em 1916, exerceu a magistratura em várias cidades do interior do Ceará até 1931, quando foi nomeado oficial do Registro de Imóveis de Fortaleza.

Poeta, inspirado sonetista, com farta produção distribuída por jornais e revistas do País. Sânzio de Azevedo analisando sua obra poética comenta que “a maioria dos seus poemas oscila entre uns tons de Realismo e notas de franco Romantismo, às vezes se aproximando do Parnasianismo, pelo menos em sua feição brasileira”. Publicou o livro de poesias *Escada de Jacó*, em 1924.

Foi eleito para Academia Cearense de Letras para ocupar a vaga deixada por Papi Júnior, cadeira número 27, mas não chegou a tomar posse em decorrência de sua morte precoce. Era membro da Academia de Letras do Ceará desde dezembro de 1931.

RAIZ

*Quando a seiva nutriz, em contínuos acessos,
fibras e vasos farta, e o trama fia e cose,
a árvore, desde o caule aos ramos indefessos,
frui a glória de ser, em suprema apoteose.*

*Entretanto, a raiz, que trabalha os processos
da capilaridade, absorção e endosmose,
se interna pelo chão, se inuma nos recessos
para que o esplendor da vida a árvore goze.*

*Raiz, igual a ti – que és um símbolo forte –
moureja em toda parte a massa humilde e obscura
dos pequenos, em prol dos eleitos da sorte...*

*Como tu, essa gente anônima se esconde...
E da árvore social, que ela nutre e segura,
só se canta o esplendor, só se festeja a fronde!*

FONTE: VICTOR, HUGO. *SONETOS CEARENSES*. FORTALEZA: IMP. OFICIAL, 1938. p. 61.

O JOGADOR

*Entre motejos, tontos de aguardente,
Parceiros jogam pela noite adiante.
A disputa se anima. De repente,
Mais um se senta, pálido, hesitante.*

*A fim de socorrer a esposa doente,
Ele corria ao médico distante,
Porém o vício, dessa tasca em frente,
Fê-lo esquecer a pobre agonizante.*

*A ambição fê-lo entrar. Senta-se e, enquanto
Sua alegria aos poucos extravasa,
Vê-se um montão de notas no seu canto.*

*Mas, nesse instante, alguém assoma à porta;
Tira-o da mesa e vai mostrar-lhe em casa
A esposa fria, abandonada e morta.*

FLOR DE TOMILHO

A BENI CARVALHO

*Viva, dificilmente, em campo seco e adusto,
Ou cresça onde por tudo a seiva-mãe se alarga,
Será sempre o tomilho um pobre e feio arbusto,
Mostrando a haste pequena e a folha muito amarga.*

*A sua flor, porém, a despeito do injusto
Destino que, sem trégua, as expansões lhe embarga,
Vale por um tesouro, um bem de raro custo,
Um primor vegetal de fama justa e larga!*

*É que, guardado nela, áureo mel se condensa:
Um mel que a abelha extrai, para que se não prive
Do mais puro e melhor de toda a flora imensa...*

*Também, vezes sem conto, o alvo mel da virtude
Se esconde n' alma em flor de quem, chorando, vive
Pobre, humilde, infeliz, como o tomilho rude...*

FONTE: LEITE, EPIFÂNIO. ESCADA DE JACÓ. FORTALEZA: TIP. CENTRAL, 1924. P. 14, 52-53.